

FOTOJORNALISMO E ESPORTE EM ZERO HORA: imagens reforçando preferência de conteúdos

*CYPRIANO, Douglas de Araujo*⁷
*ARAUJO, Denise Castilhos de*⁸

RESUMO: Este artigo propõe a observação dos usos e dos significados das imagens fotográficas presentes no espaço ZH Esportes do jornal Zero Hora. Para a análise das imagens e dos conteúdos, foram observadas as fotografias da referida sessão ao longo de 21 edições do jornal Zero Hora. Após esta etapa, realizou-se a tabulação dos dados obtidos através da categorização das imagens e da utilização da análise de conteúdo, segundo Laurence Bardin, e os tipos de fotografias propostos por Sousa.

PALAVRAS CHAVE: imagem, conteúdo, fotojornalismo, ZH Esportes.

ABSTRACT: This article proposes the observation of the uses and meanings of photographic images in space ZH Sports newspaper Zero Hora. For the analysis of images and content, the photographs of that session were observed over 21 editions of the newspaper Zero Hora. After this step, there was a tabulation of the data obtained through the categorization of images and the use of content analysis, according to Laurence Bardin, and the types of photographs proposed by Sousa.

KEYWORDS: image, subject, photojournalism, ZH Sports.

- **Introdução**

No jornalismo de esporte, o fotojornalismo representa e acrescenta novas dimensões a matérias, uma vez que as ilustra, aclarando demasiado situações e evidenciando preferências do próprio jornal.

⁷ Graduado em Jornalismo pela Universidade Feevale/RS.

⁸ Doutora em Comunicação Social, professora e pesquisadora da Universidade Feevale/RS

Este artigo parte do seguinte problema “Como as imagens fotográficas são utilizadas e quais os conteúdos são apresentados no espaço ZH Esportes?”.

A escolha do jornal Zero Hora se baseia na grande tiragem diária média do jornal que, no mês de outubro de 2011, foi de 187 724 exemplares, em dados auditados pelo IVC Brasil, e fornecidos pelo departamento de Circulação da própria empresa.

- **Imagem**

Considerada uma forma de reduzir a explicação de um ponto de vista, a imagem é uma síntese visual que “oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade” (LEIVA JR., 1986). Partindo desta definição, o autor destaca que, primeiramente, o observador contempla a imagem de maneira fragmentada para, só depois, realizar toda a sua complexidade. Isso quer dizer que, em um primeiro momento, o indivíduo observa e avalia cada um dos aspectos da imagem para, em seguida, desenvolver a compreensão dela em sua plenitude.

Onde quer que se olhe atualmente, percebe-se a presença de imagens, e, com isso, identifica-se a importância que a cultura ocidental dá a esses textos icônicos. Muitos foram os teóricos que discorreram sobre o tema, desde a origem da civilização, e uma das mais célebres definições é aquela empregada por Platão (2008), no “O mito da caverna”.

Aristóteles, por sua vez, “considerava a imagem como sendo uma aquisição pelos sentidos, a representação de um objeto real” fundando, assim, a teoria do realismo (RADHE, 1996). Então, pode-se considerar essa uma das primeiras definições de imagem, assim como a concebemos atualmente e, também, uma das mais conhecidas.

A valorização da imagem para a civilização ocidental pode ser vista na frase de Lewis Carroll (2010, p. 11), romancista e matemático britânico, “Para que serve um livro sem as imagens?”. Esta tornou-se uma civilização visual, e isso é natural, uma vez que um dos grandes lugares-comuns da comunicação e, também, do cotidiano, é o que diz que uma imagem fala mais que mil palavras, conceito com o qual Leiva Jr. (1986) concorda, ao dizer que “A fotografia fala a ponto de recusar as palavras”.

Ainda assim, o autor opõe suas ideias ao lembrar que “experimentar o mundo por meio de imagens seria extremamente incômodo se o registro fotográfico não recebesse a legitimação de ser um testemunho” (LEIVA JR, 1986). Situação que se torna ainda mais evidente no período em que se vive, pois a edição e manipulação de imagens é cada vez mais facilmente realizada e comumente aceita.

Um dos motivos para a preferência da comunicação pelo uso de textos imagéticos é que, por vezes, quando relata-se um fato, além de apresentar um resumo do acontecimento, acaba-se por valorizar determinados pontos da narrativa que parecem importantes. Junte-se a este fato a questão de que ainda cabe ao receptor da notícia uma parcela de interpretação e a subjetividade da informação escrita é ampliada. A imagem fotográfica, narrativa visual do fato, reduz as possibilidades de interpretações alternativas, pois, conforme Debray (1994, p. 37):

A imagem é simbólica, mas não tem as propriedades semânticas da língua: é a infância do signo. Esta originalidade dá-lhe um poder de transmissão inigualável. A imagem o faz bem porque cria vínculos.

Essa simplicidade da imagem, como Debray (1994) vê, é uma das razões para a sua universalidade. Apesar disso, para compreensão das imagens e de tudo aquilo que é visual no mundo, é exigido do indivíduo o entendimento de determinados modelos e esquemas que definem a visualidade. Segundo Gombrich (1971, apud LEIVA JR, 1986), “tanto o artista quanto o escritor precisam de um ‘vocabulário’ antes de se arrisarem a ‘copiar’ a realidade”. E, uma vez que são necessárias experiências pregressas, pode se estabelecer uma série de propriedades que compõe o mundo visual.

Leiva Jr (1986) comenta que as propriedades que regem o mundo visual são as seguintes: distância, profundidade, verticalidade, estabilidade, ilimitabilidade, cor, sombra, textura, integração de superfícies e pluralidade de coisas que possuem significado.

Então, aquele que desejar registrar uma situação, ou interpretar uma imagem deverá ter conhecimento a respeito dos elementos mencionados, a fim de que possa identificar os sentidos presentes em tal situação/texto.

Vale lembrar que não existe apenas uma forma de imagem, mas muitas, nas mais diversas instâncias e áreas da sociedade. A ideia de imagem para um religioso

pode ter um sentido, e para um artista, outro. E, segundo Maffesoli (1995), tornou-se um “mundo imaginal”, tomado por imagens e ideias que elas transparecem e transmitem.

É fundamental para a compreensão de imagens não apenas o entendimento das propriedades anteriormente citadas, mas também o conhecimento de como os traços, cores e demais aspectos da imagem estão arranjados, ou seja, a sintaxe da imagem, que definirá a leitura dela, contribuindo para a apreensão de significados.

2.1. imagem fotográfica

A fotografia vem sendo desenvolvida, enquanto técnica, desde o Renascimento, momento de grande florescência nas artes e nos conhecimentos acadêmicos no mundo ocidental.

Não que a técnica fotográfica tenha sido plenamente desenvolvida no período, mas existem registros de que Leonardo da Vinci teria desenvolvido técnicas semelhantes àquelas empregadas anos depois pelos precursores da fotografia. Inicialmente, a fotografia era buscada como uma forma de mecanização da produção de imagens e, assim, ela foi vista por um longo período de tempo; como pode se compreender através da passagem de Francastel (apud LEIVA JR. 1986, p. 61):

A fotografia - a possibilidade de registrar mecanicamente a imagem em condições mais ou menos análogas à visão - revelou não o caráter real da visão tradicional, mas, ao contrário, seu caráter de sistema. As fotografias são tiradas, ainda hoje, em função da visão clássica.

A semelhança fundamental entre todas as imagens está em sua produção, pois “o homem, o tema e a técnica específica (esta, por mais avançada que seja) são em essência os componentes fundamentais de todos os processos destinados à produção de imagens” (KOSSOY, 2009, p. 36).

Apesar de não ser uma forma de fotografia exatamente como a que se conhece hoje, em 1816, Joseph Nicéphore Niepce obteve, a partir de experimentos com uma câmara escura, uma imagem fotográfica usando papel impregnado com sais de prata e ácido nítrico (KEIM, 1971). Esta é tida como a primeira vez na história que uma imagem foi registrada a partir do uso de câmara escura.

De acordo com Kubrusly (1991, p. 24), “A invenção da fotografia é, de fato, a

invenção do filme fotográfico. A câmara - a futura máquina fotográfica - já existia e há muito vinha sendo aperfeiçoada”. Portanto, pode-se concluir que a fotografia, como invenção, já se constituía como algo existente, a técnica pela qual a luz emitida pela imagem era transformada em algo perene é que carecia de desenvolvimento técnico.

Conforme mencionado por Leiva Jr. (1986), a técnica de fixação das imagens fotográficas obtidas através de experimentos envolvendo a câmara escura, surgiu no primeiro quarto do século XIX, por volta de 1820. Segundo Kossoy (2009, p. 26), a fotografia recebeu maior aceitação a partir da década de 1860, aproximadamente quarenta anos após a consolidação da técnica de fixação das imagens obtidas em câmara escura. Isso propiciou o desenvolvimento tecnológico ainda maior, resultando na redução do tempo de obtenção e revelação de imagens.

Além da necessidade do domínio da técnica para executar a fixação das imagens, a fotografia possui outras necessidades. Entre elas a de um local para sua realização, e um tempo para que se desenvolva, constituindo aquilo que Kossoy (2009) define como coordenadas de situação. Ou seja, para que uma fotografia seja realizada, são necessários o homem (fotógrafo), o tema e a técnica, que Kossoy caracteriza como elementos constitutivos, e as coordenadas de situação, resultando no produto final, a fotografia.

Então, por mais que se buscou a modernização da produção de imagens, e a redução da influência de quem a faz, no resultado da composição, as técnicas e ideias de proporcionalidade⁹ da fotografia ainda são extremamente semelhantes, senão iguais, àquelas que foram extensamente desenvolvidas durante o Renascimento.

Apesar disso, permanece entre os teóricos a ideia de que a fotografia é uma forma extremamente fiel de representação dos objetos, pois se a visão é o resultado do processo de absorção da luz refletida pelas coisas, a fotografia está entre as imagens mais confiáveis, visto que, conforme Martine Joly (1996), ela é resultado do processo de captação das ondas emitidas pelos próprios objetos.

Outro ponto que favorece o uso da fotografia como relato de situações, é o fato

⁹ Por “ideias de proporcionalidade” entendem-se os cânones e regras que foram estabelecidas ao longo do Renascimento, de forma a uniformizar e difundir as técnicas necessárias para a realização de imagens em perspectiva (LEIVA JR., 1986, p. 31).

de que ela se apropria da capacidade da imagem de resumir um acontecimento. Por vezes, a velocidade de captação e produção da imagem fotográfica é tão rápida que captura até mesmo “aquilo que é tão imediato que quase escapa ao registro técnico” (LEIVA JR, 1986, p. 66).

A capacidade que a fotografia tem de sintetizar acontecimentos é tamanha que quase se perdeu o hábito de manter diários registrando acontecimentos da vida do indivíduo. Ou seja, o poder da fotografia de sintetizar um momento é tão forte que passamos a confiar nela como se fosse um documento. A partir deste ponto, torna-se mais do que uma forma de expressão artística ou uma forma de representação de personalidades baseadas em cânones renascentistas. A fotografia é, atualmente, forma legítima do registro de fatos.

Considerando-se que a imagem é a representação de algo que não é, necessariamente, real ou físico, mas sim uma ideia representada através de “leis” de algo que fora imaginado, observa-se, por outro lado, que a imagem fotográfica é peculiar, pois para ela é imprescindível um objeto físico. Roland Barthes diz que “não há foto sem alguma coisa ou alguém” (BARTHES, 1998, p. 24).

Martine Joly (1996) afirma que a função da imagem é representar, através de semelhança, outra coisa que não ela mesma. Assim, compreende-se que “se a imagem é percebida como representação, isso quer dizer que a imagem é percebida como signo” (JOLY, 1996, p. 39).

Dentro desta percepção de imagem como signo, a imagem fotográfica ganha ainda outra denominação: a de signo icônico. Uma vez que a principal função das imagens é, em sua representação por semelhança, realizar uma imitação “[...] com tanta perfeição que podem [...] provocar a ilusão da realidade sem serem reais” (JOLY, 1996, p. 40). Ainda segundo Joly, isso não torna a fotografia uma imagem fabricada, e sim uma imagem registrada a partir da captura das ondas emitidas pelo objeto a ser representado.

O fascínio e o valor que se dá ao registro fotográfico é algo que cada vez mais está presente na sociedade atual. Em parte, isso pode ser explicado, pois “a fotografia reproduz até o infinito o que só aconteceu uma vez: ela repete mecanicamente o que

nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1998, p. 17). A natureza de testemunho da fotografia ou, conforme Kossoy (2009, p. 27), “sua condição técnica de registro preciso do aparente ou das aparências”, resulta em característica louvável para seu uso no jornalismo.

- **Jornalismo**

Um ponto importante nessa caracterização de jornalismo é o fato de que, o objetivo do jornalismo não é a estética, mas sim o conteúdo. Seguindo uma das conceituações de Lage, jornalismo é a atividade que se propõe a processar informação em escala industrial e prepará-la para o consumo imediato (LAGE, 1997, p.35).

Vladimír Hudec define jornalismo como sendo “conjuntos de materiais escritos ou impressos, falados ou visuais, muitas vezes em combinação, que, de uma forma documental, descrevem a realidade social actual” (HUDEC, 1980, p. 36). Então, não apenas o jornalismo tem o caráter de atividade de processar e adaptar conteúdos para serem apreciados instantaneamente, como também representa a realidade que uma população vive.

Outro ponto que Lage destaca como sendo fundamental para o entendimento das atividades que são compreendidas pela definição de jornalismo é o fato de que um único emissor se comunica com um grande número de receptores (LAGE, 1997, p.40).

Ponto repetidas vezes salientado por Eduardo Meditsch (1992), o jornalismo vem sendo flexibilizado, tendo “evoluído vertiginosamente em termos de forma” (MEDITSCH, 1992, p. 19). No prefácio do livro “O conhecimento do jornalismo”, de Meditsch, Nilson Lage (apud MEDITSCH, 1992, p. 14) destaca que “o jornalismo lembra a todos a vida como é, não como a representam os príncipes, os empreendedores, as corporações especializadas em curar, matar, julgar ou construir”.

Ao passo que Lage argumenta que o jornalismo se baseia em um tripé que compreende as linguagens, as tecnologias e as ciências sociais (LAGE, 2006), Meditsch argumenta que o jornalismo está atualmente sustentado na trinca composta por linguagens, tecnologias e as mais diferentes áreas do conhecimento (MEDITSCH, 1992). Essa mudança, ainda que discreta, resulta na interpretação de que o jornalismo, diferente do que é apregoado nas redações de veículos de comunicação, “é mais do

que mera técnica” (MEDITSCH, 1992, p. 20).

Geralmente quem compra um jornal procura não o papel, “o que o levou a compra foi a informação impressa com tinta sobre o papel” (LAGE, 2006, p. 11).

Meditsch (1992, p. 23) conceitua jornalismo “como uma forma de conhecimento da realidade”. Entretanto há a preocupação com o projeto gráfico, do qual fazem parte as imagens.

Assim, verifica-se a importância do fotojornalismo, uma atividade amplamente especializada, pois trata de “selecionar e enquadrar elementos semânticos de realidade de modo que, congelados na película fotográfica, transmitam informação jornalística” (LAGE, 2006, p. 28-29).

A presença do fotojornalismo é intensa no jornalismo esportivo, que para Barbeiro e Rangel é uma modalidade de jornalismo não se diferencia das demais, pois “está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público” (BARBERO E RANGEL, 2006, p. 13).

Essa área do jornalismo, no Brasil, não ocupava muito espaço, conforme indica Coelho (2008), que, no início do século passado, nem mesmo o remo, considerado o esporte mais popular no território nacional, merecia espaço nas primeiras páginas de um jornal. As redações questionavam a credibilidade ao abordarem uma informação esportiva nas primeiras páginas, pois, “como poderia uma vitória nas raias - ou nos campos, nos ginásios, nas quadras - valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país?” (COELHO, 2008, p. 8).

Ainda de acordo com Coelho (2008), participar da redação responsável pela editoria de esportes de um jornal incluía lutar contra o preconceito de que apenas as classes sociais de menor poder aquisitivo poderiam ter grande interesse em pautas de esporte.

Este bloqueio dos jornais com relação ao jornalismo esportivo prosseguiu até meados dos anos 1930, quando surgiu no Rio de Janeiro, então capital da república, o “Jornal dos Sports”, que foi “o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no país” (COELHO, 2008, p. 11). Com o passar dos anos, o pioneirismo do “Jornal dos Sports” se propagou pelo país e diários começaram a destinar mais espaço ao esporte

até que, na segunda metade dos anos 1960 “com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão” (COELHO, 2008, p. 12).

Além disso, o jornalista de esportes não é diferente dos demais, o que se pode comprovar:

Não existe o jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, de vôlei, de futebol, de automobilismo. Nunca de esportes. (COELHO, 2008, p. 37).

Esse mesmo trecho também destaca aquilo que fora salientado anteriormente: existe segregação conforme a modalidade esportiva para a qual o jornalista é destinado a realizar cobertura.

- **Fotojornalismo**

O fotojornalismo pode ser considerado a área de produção de fotografias para a imprensa. Importante componente do jornalismo, na forma como se conhece atualmente, o fotojornalismo é também de grande importância para o desenvolvimento das tecnologias em torno da fotografia. A história e o desenvolvimento da tecnologia associada à fotografia estão intimamente ligados ao fotojornalismo desde um período próximo ao seu surgimento. As primeiras coberturas fotográficas se deram nas guerras da segunda metade do século XIX, como a guerra da Crimeia (1853-1855), Guerra Civil Americana (1861-1865) e da Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), conforme mencionado por Keim (1971).

A revista inglesa *The London Illustrated News* é particularmente importante na evolução do fotojornalismo por ser a primeira a reproduzir em suas páginas as imagens obtidas por repórteres na Guerra da Criméia, em 1855. Estas imagens eram publicadas através de gravuras, adaptações da imagem obtidas através da sensibilização de uma superfície à luz, portanto similares ao desenho baseado em câmara escura (KOSSOY, 2009).

Então, pode-se entender por fotojornalismo a atividade de realizar imagens para posterior inserção em mídias jornalísticas e divulgação de informações, deve-se,

entretanto, considerar que o fotodocumentarismo, com pautas planejadas e desenvolvidas à exaustão, e as *feature photos* (fotografias de situações peculiares presenciadas pelos fotógrafos em suas pautas) também se enquadram na mesma definição (SOUSA, 2004, p. 12). Esta aceção tão ampla pode causar confusão, pois como pode-se comparar a produção de fotos de instantes efêmeros com a busca prolongada de imagens relacionadas a um determinado tema? Diante dessa situação, é importante a delimitação mais clara de cada um desses conceitos.

Assim, Sousa (2004, p. 12) define:

No sentido restrito, entendo por fotojornalismo a atividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (“opinar”) através da fotografia de interesse jornalístico.

Desse modo, pode-se afirmar que o fotojornalismo engloba o fotodocumentarismo e as *feature photos*, na quais as imagens são complementadas pelo texto e podem até mesmo prescindir da descrição escrita para transmitir informação. Ao passo que no senso estrito, fotojornalismo é considerado apenas como a produção de imagens utilizadas para ilustração de matérias.

O texto verbal é visto como ponto importante da compreensão da imagem fotográfica, pois “as informações do signo escrito devem ser continuamente utilizadas na compreensão da cena passada através de imagens que representam aspectos selecionados do real” (KOSSOY, 2009, p. 122). Também, segundo Sousa (2002), são funções do texto chamar atenção e complementar a imagem, ancorar os significados denotativos e possíveis ideias conotativas da fotografia e analisar, interpretar e comentar a imagem. Esse uso do texto se faz necessário, pois, por vezes, “o significado mais profundo da imagem não se encontra necessariamente explícito” (KOSSOY, 2009, p. 123).

Há alguns elementos importantes ao fotojornalismo tais como a pose ou posicionamento, a presença de objetos, o embelezamento da imagem e a utilização de mais de uma imagem, o enquadramento e a composição, o foco de atenção, a até mesmo, o movimento. (SOUSA, 2002).

Sobre a questão do movimento, uma importante característica das fotografias

de esporte, leva-se em consideração duas formas básicas de representação, segundo Sousa: o movimento travado e o movimento escorrido. Na primeira definição, “é ‘congelado’ um instante do movimento que animava o motivo; no segundo caso, explora-se um efeito de arrastamento, que, por vezes, resulta numa exploração eficaz da ideia de velocidade” (SOUSA, 2002, p. 93). Em geral, encontram-se nos jornais as imagens de movimento travado, devido à necessidade de capturar gestos e posições “que transferem sentido à imagem” (SOUSA, 2002, p. 92).

No caso do esporte, a relação com a imagem é ainda mais próxima, e a utilização de fotografias pode representar o momento controverso, a representação de um ponto e tudo aquilo que possa fugir da visão do observador casual devido à velocidade dos eventos. Porém, mesmo dentro do fotojornalismo esportivo entende-se que as fotografias resultantes são divididas em dois grupos: as fotografias de ação esportiva e as *feature photos* de esporte. Estas duas definições surgem a partir do interesse de se categorizar as fotografias obtidas ao longo da cobertura de uma prática esportiva.

As fotografias de ação esportiva são resultantes da captação de imagens de acontecimentos de parte do esporte fotografado, priorizando a ação propriamente dita. Por esta categoria compreende-se, por exemplo, as imagens de um “futebolista que finta ou remata, o basquetebolista que encesta, o tenista que serve, o árbitro que mostra um cartão a um jogador” (SOUSA, 2002 p. 121).

Já as *feature photos* de esporte “podem-se definir como fotografias em que o interesse humano se sobrepõe à acção desportiva enquanto mais-valia fotográfica” (SOUSA, 2002, p. 122). Logo, pode se definir como fotos desta categoria as imagens do jogador de futebol que chora o pênalti perdido, o torcedor ansioso nas arquibancadas e o atleta que comemora a vitória em uma corrida.

Outra forma de fotografia que é por vezes encontrada no fotojornalismo é o retrato, seja ele individual, coletivo, ambiental ou em estúdio. Ele surge como uma forma de aproximar o leitor do sujeito abordado na notícia ou reportagem. (SOUSA, 2002, p. 121).

4. Análise

Nesta reflexão, utilizou-se o método da análise de conteúdo como forma de compreender os usos e os significados das imagens trazidas pelo jornal Zero Hora em seu segmento ZH Esportes. Essa metodologia, baseada em Laurence Bardin (2004), propõe as seguintes etapas para a pesquisa: - leitura dos textos selecionadas para identificar as informações a serem analisadas e a codificação dos materiais; - definição das unidades de análise (tema) e de contexto (referência); - categorização (válidas, exaustivas, homogêneas, exclusivas, objetivas) construída ao longo do processo de análise; - descrição das categorias analisadas e interpretação a partir da produção de teoria a partir dos materiais em análise. A abordagem básica de análise que se procura desenvolver será a indutiva, gerativa, construtiva e subjetiva, ou seja, aquela que visa à compreensão dos fenômenos investigados e não generalizações probabilísticas.

Foram observadas as edições do Jornal ZH do período compreendido entre 8 a 28 de abril de 2012. Inicialmente, foram definidas categorias, que foram baseadas no esporte retratado, separando as imagens que abordam o futebol e as imagens que abordam demais esportes. Percebeu-se, através da tabulação dos dados uma maioria das imagens se enquadraram na categoria “futebol”, em um valor que representava aproximadamente 85% de um universo composto por 347 imagens. Chama atenção o domínio das imagens que abordam tal esporte, pois ao longo do período observado aconteceram partidas finais dos campeonatos nacionais de outros esportes, compondo as categorias “voleibol”, “automobilismo”, “equitação”, “atletismo”, “surfe”, “basquetebol”, “voleibol”, “artes marciais”.

Além das mencionadas, outras categorias foram definidas com base na pesquisa bibliográfica, seguindo conceitos definidos por Jorge Pedro Sousa (2002). As categorias foram as seguintes: fotografias de ação desportiva, *feature photos* de esporte, e o retrato. Tais categorias foram selecionadas, pois, seguindo os princípios de classificação definidos por Romeu Gomes (MINAYO et al, 1994), elas devem permitir a inclusão de qualquer resposta observada, sendo exaustivas.

As fotografias de ação desportiva valorizam a ação como uma forma de remeter ao esporte abordado. São consideradas nesta classe as imagens que trazem atletas em

ações claramente relacionadas ao seu esporte, por exemplo, o movimento de um automóvel em uma corrida e a disputa de bola entre dos jogadores de diferentes equipes.

A edição do dia 9 de abril traz uma imagem de ação desportiva, de um esporte que foi identificado apenas uma vez durante a observação, o surfe. Nessa imagem, o atleta Josias Pedrinha aparece fazendo uma manobra em sua prancha, com os braços proporcionando equilíbrio, as pernas flexionadas e um rastro de água erguido no ar, como resultado do movimento da prancha em contato com a água.

Por sua vez, as *feature photos* são mais caracterizadas pelo momento que se captura do que propriamente o objeto e a ação. Em geral, essas imagens são exibidas no segmento ZH Esportes através do semblante do treinador após um lance de sua equipe, da reação do torcedor a uma jogada ou ainda a comemoração de um jogador após um ponto ou gol.

Uma imagem veiculada no dia 9 de abril, mostra o jogador Ronaldo Assis Moreira, conhecido como Ronaldinho Gaúcho, comemorando um gol, fazendo movimentos com ambas as mãos, em uma “coreografia” conhecida pelo público que acompanha a carreira do atleta. A imagem, porém, traz um conflito entre a alegria que o jogador poderia estar exibindo e o semblante fechado, sem esboçar um sorriso.

O retrato, por sua vez, busca apenas exibir ao público o personagem abordado no texto, familiarizando o leitor com o “objeto”. Na categoria retrato podem ser incluídas fotografias individuais, exibindo um único atleta, assim como fotografias coletivas, exibindo a totalidade da equipe.

Em uma matéria veiculada no dia 15 de abril, são exibidos retratos de sete atletas de futsal¹⁰ da seleção brasileira que, naquela semana, disputariam competição na cidade gaúcha de Gramado. As fotografias são de pequenas dimensões, estando presentes como forma de identificar ao leitor os jogadores que a notícia destaca como importantes para a equipe.

Porém, observou-se no jornal Zero Hora a presença de um tipo de imagem que não se enquadrava em nenhuma das categorias definidas por Sousa. Ao passo que o

10 Esporte derivado do futebol, porém disputado em ginásios, com equipes compostas de cinco jogadores em quadra, com regras diferenciadas do esporte praticado nos estádios.

segmento ZH Esportes aborda o esporte, são observadas, com certa frequência, imagens que trazem os atletas, em especial os futebolistas, em atividades pouco ou nada relacionadas ao esporte que praticam. Estas imagens, que exibem os jogadores entrando em seus carros antes ou após treinamentos, mostram jogadores em suas casas com suas famílias serão tratadas como fotografias “sociais”. Esta categoria foi “criada” como forma de satisfazer o critério de exaustão das respostas por parte das categorias.

Além do domínio do futebol sobre os demais esportes em termos de imagens publicadas, percebeu-se uma aparente preferência por exibir *feature photos* quando se aborda o futebol, sendo que esta categoria representou mais de 35% das imagens de futebol. Por outro lado, as imagens dos demais esportes ficam fortemente relacionadas às fotografias de ação desportiva, tendo esta classe representado pouco mais de 44% das imagens de esportes que abrangiam basquetebol, voleibol, automobilismo, atletismo e artes marciais.

As fotografias ditas “sociais” foram encontradas apenas envolvendo futebolistas em momentos como a chegada ao treinamento, ao descer de seu automóvel, até em momentos mais “íntimos”, como o jogador em sua casa, recebendo o repórter; e jogadores apreciando bebidas. Não foram encontradas imagens retratando atletas de outros esportes que se enquadrassem nesta classe.

Uma das situações na qual esta categoria de imagens foi empregada aconteceu na edição do dia 14 de abril, são exibidas duas imagens do jogador argentino Jesús Dátolo, que estava jogando no Sport Club Internacional havia pouco menos de três meses, em sua residência. Uma das imagens, de grandes dimensões, traz o jogador à beira de uma piscina, com o restante do condomínio, onde está localizada sua casa, ao fundo. A segunda imagem, de menor tamanho, mostra o futebolista e sua namorada abraçados e sentados em uma escada, evidenciando a intimidade da vida do atleta.

O que se percebe, tanto nas imagens quanto na maior parte da entrevista, é a falta de ligação com a temática esporte, trazendo informações sobre a religião do atleta, o tamanho de sua família e até sobre o motivo de o jogador morar em uma região mais afastada do centro urbano de Porto Alegre. Assim, torna-se peculiar a

inclusão de uma matéria que aborde temas fortemente atrelados a vida pessoal e familiar do futebolista em um segmento do jornal que visa trazer notícias de esporte.

Já os retratos são encontrados em proporções semelhantes tanto nas imagens de futebol quanto nas de outros esportes. As proporções foram de pouco mais de 29% para o futebol e superiores a 28% das fotografias de demais esportes. Os índices semelhantes provavelmente se devem à necessidade de familiarizar o leitor ao atleta, equipe ou ainda ao dirigente esportivo abordado no texto escrito da notícia.

4. Considerações

Ao longo da pesquisa, foram analisadas 347 imagens fotojornalísticas veiculadas em 21 edições do jornal Zero Hora, através do seu segmento ZH Esportes. Após a compilação dos dados, observou-se que aproximadamente 85% das imagens encontradas no segmento abordavam o futebol nas mais diferentes formas possíveis.

Observando-se comemorações, jogadores em treinamento e ao longo de partidas, dirigentes fazendo declarações importantes, tudo isto foi abordado e devidamente documentado com fotografias. Tal dedicação, porém, não foi percebida com relação a outros esportes. Com aproximadamente 15% das imagens veiculadas em um período de 21 dias, seria simples crer que o jornal estaria priorizando o futebol devido a uma possível falta de competições de outras modalidades esportivas.

Porém, ao longo das três semanas de observação, aconteceram as finais da Superliga, campeonato nacional brasileiro de voleibol, nas modalidades masculina e feminina, campeonatos internacionais de basquetebol, duas corridas de Fórmula 1, lançamento de um campeonato de equitação. Ou seja, não fora por falta de diversidade esportiva no período, que o jornal Zero Hora deixou de publicar, em suas páginas destinadas aos esportes, cobertura fotográfica de outras modalidades esportivas que não sejam o esporte considerado por muitos como a “paixão nacional”.

O que se percebeu foi uma preferência clara por abordar o futebol, possivelmente devido ao gosto da população pelo esporte que fora criado pelos britânicos e regulamentado em uma forma próxima de como o conhecemos hoje em meados da década de 1860. Mas além das categorias de imagem elaboradas por Jorge Pedro Sousa (2002) e que foram encontradas nas fotografias de outros esportes, foi

encontrada uma “nova” categoria de imagens, definidas para esta pesquisa como “fotografias sociais”.

Nestas imagens, que ilustram matérias sobre a vida social e pessoal de atletas, os futebolistas são retratados em situações minimamente relacionadas com o esporte, como, por exemplo, a chegada de jogadores nos treinamentos. Também foram encontradas imagens que retratam os jogadores em casa ou em restaurantes, em situações triviais e até mesmo desinteressantes, com pouco ou nenhum valor jornalístico no que tange a informação de esporte.

Dedicar espaço das páginas de um jornal, algo bastante custoso hoje em dia, a matérias e fotografias que não têm alguma relação direta com a temática da editoria na qual estão inseridas é algo que não foi compreendido em sua totalidade nesta reflexão. A estratégia de humanizar o futebolista e mostrá-lo em situações casuais, como forma de aproximá-lo do leitor interessado no esporte parece mais uma forma de convencer o torcedor de que o futebol é importante para a composição da nossa sociedade.

Outro aspecto a ser destacado é o fato de que, ao passo que para os demais esportes as fotografias de ação desportiva, aquelas que melhor caracterizam a modalidade exibida, compõe mais de 44%, para o futebol elas representam cerca de 25% das imagens exibidas. Neste ponto se percebe outra peculiaridade, uma vez que o jornal prefere mostrar as reações de atletas, treinadores e torcedores a exibir fotografias que retratem os jogadores em disputas de jogo.

Por mais que a imagem de um jogador comemorando um gol ou de torcedores na expectativa de um lance importante possa transmitir à fotografia emoção e tensão, o uso recorrente desse tipo de imagens fez com que ela perdesse sua força, uma vez que são aproximadamente em mesmo número que as de ação desportiva. Assim, fotografias de chutes a gol e tomadas diferenciadas de treinamentos acabam por resultar em imagens mais distintas e que chamam mais a atenção do leitor-torcedor. Enquanto isso, retratos representaram proporções semelhantes em tanto para o futebol quanto para os demais esportes, em ambos com valores de aproximadamente 29%. Isso que pode se justificar pela necessidade de mostrar ao leitor a pessoa

envolvida na notícia.

Assim, chega-se ao ponto de questionar se o futebol recebe mais exposição por parte do jornal Zero Hora em função de ter preferência dos leitores ou se esta preferência seria resultante da superexposição que o esporte recebe. Uma vez que o esporte é tratado como uma preferência nacional a ponto de receber mais destaque em capas de jornal do que a maior parte das coberturas de acontecimentos políticos, não seria absurdo afirmar que a popularidade do futebol é decorrente de um ciclo de acolhimento pelo público e divulgação excessiva.

Também é perceptível a divulgação de notícias que envolvam os dois principais times de futebol do Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional. Ambos os times dominam as matérias que contenham as fotos categorizadas como sociais, o que faz com que os jogadores tenham maior divulgação do que atletas de demais esportes.

Ao longo dos 21 dias que o segmento ZH Esportes foi observado para esta pesquisa, apenas uma edição apresentou notícias que trouxessem alguma informação de futebol feminino. Nessa edição, que na verdade abordava os atletas oriundos do Rio Grande do Sul que participariam dos Jogos Olímpicos de Londres, realizados entre os meses de julho e agosto de 2012. Esta matéria também se destacou por se tratar de ser a única ocasião na qual o jornal mencionou os Jogos Olímpicos de 2012.

Fato a ser destacado é a presença, ao longo dos dias observados, de alguns esportes em apenas uma edição, como o hipismo, o surfe. Por outro lado, em uma edição foram destinadas duas páginas completas, com seis fotografias, para abordar o crescimento da preferência do público pelas lutas de artes marciais mistas, popularmente conhecidas como MMA (Mixed Martial Arts) e que tem seu expoente máximo no UFC (Ultimate Fighting Championship). Esta ampla cobertura de um esporte em ascensão mostra que apesar de divulgar mais amplamente o futebol, o jornal Zero Hora está atento a uma nova tendência de gosto do público, uma vez que inclusive disponibiliza espaço em sua web site, com comentários e notícias.

REFERÊNCIAS

BARBERO, H; Rangel, P. (2006) Manual de jornalismo esportivo. São Paulo, Contexto.

BARDIN, Laurence (2004). **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70.

BARTHES, Roland (1998). **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

CARROLL, Lewis (2010). **Alice no país das maravilhas**. São Paulo, SP: COSAC NAIFY.

COELHO, Paulo Vinicius (2008). **Jornalismo Esportivo**. São Paulo, SP: Contexto.

DEBRAY, Régis(1994). **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente**. Petrópolis, RJ: Vozes.

HUDEC, Vladimír (1980). **O que é jornalismo?**. Lisboa: Editorial Caminho,.

JOLY, Martine(1996). **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papirus.

KEIM, Jean A (1971).. **Historia de la Fotografia**. Barcelona: Oikos-tau Ediciones,.

KOSSOY, Boris (2009). **Fotografia & História**. 3. ed. São Paulo, SP: Ateliê Editorial.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo (1991). **O que é fotografia**. São Paulo, SP: Brasiliense.

LAGE, Nilson(1986). **Linguagem Jornalística**. São Paulo, SP: Ática.

MAFFESOLI, Michel(1995). **A contemplação do mundo**. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.

LEIVA JR (1986)., Eduardo. **A Imagem**. São Paulo: Editora Ática.

MEDITSCH, Eduardo (1992). **O Conhecimento do jornalismo**. Florianópolis, SC: UFSC, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social: teoria, métodos e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PLATÃO(2008). **Diálogos IV**: República. Madrid: Editorial Gredos.

RADHE, Maria Beatriz(1996). Imagem. **Revista Famecos**, nº 5. Porto Alegre, RS.

SOUSA, Jorge Pedro(2002). **Fotojornalismo**. Porto: [s.n.].

_____ (2004) **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó:
Argos; Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas.

ZH ESPORTES (2012). **Zero Hora**, Porto Alegre, 8-28 abr.